



FOCO SENTENCIAL EM RUSSO SOB UMA PERSPECTIVA CONSTRUCIONISTA BASEADA NO USO: A CONSTRUÇÃO COM O MARCADOR *ÉTO*

DIEGO LEITE DE OLIVEIRA¹

RESUMO: Neste artigo, a construção de foco sentencial introduzida pela partícula focalizadora *éto* em russo é analisada. O arcabouço teórico utilizado para investigar esse tipo de estrutura é o da Gramática de Construções Baseada no Uso. Foram analisadas, considerando-se critérios formais e semântico-pragmáticos, instâncias reais de uso da língua, nas modalidades falada e escrita, extraídas do Corpus Nacional da Língua Russa (CNLR). Postula-se, com base em Sasse (1987, 1996), que as construções de foco sentencial com *éto* em russo assumem função discursiva explicativa. Além disso, defende-se que as construções em pauta manifestam um elo de herança com a construção relacional do tipo [Éto x], de caráter mais geral, utilizada em contextos diversificados.

Palavras-chave: Foco sentencial; Russo; Estrutura da informação; Gramática de Construções Baseada no Uso.

ABSTRACT: In this article, the sentential focus construction with focus particle *éto* in Russian is analyzed. The theoretical approach used to investigate such structure is Usage-Based Construction Grammar. Considering formal and semantic-pragmatic criteria, instances of real language use, in written and spoken discourse, extracted from National Corpus of Russian Language, were investigated. Considering Sasse (1987, 1996), it is posited that sentential focus construction with *éto* plays an explicative discourse function. In addition, it is argued that such constructions display an inheritance link with relational construction of the type [Eto x], a more general construction, used in several contexts.

Keywords: Sentential focus; Russian; Information structure; Usage-based Construction Grammar.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho analiso um tipo de construção da língua russa que se vale do marcador *éto* – um elemento híbrido que, a depender da construção em que é empregado, pode ser caracterizado como dêitico, cópula ou partícula de focalização (cf. PADUCHEVA 1982; LEITE DE OLIVEIRA, 2013, 2017) – ocorrendo, neste último caso, em construções cujas orações podem exibir dois tipos de estrutura informacional: a estrutura de foco argumental² ou a estrutura de foco sentencial, esta última também conhecida na literatura especializada como sentença tética (cf.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. diegooliveira@letras.ufrj.br

² As construções de foco argumental com *éto* são primordialmente construções do tipo pseudoclivada, tal como é possível observar em Leite de Oliveira (2017).

SASSE 1987, LAMBRECHT 1994, 2000 E VAN VALIN E LAPOLLA 1997). É sobre esse último tipo, que passo a chamar de construção éto-tética que o presente trabalho irá discorrer. Um exemplo dessa construção pode ser conferido em (1):

(1) [CNLR – documentário de TV – 2007]

Útro,	<i>pod'íóm.</i>	Éto	<i>Rus'</i>	<i>prosypaiétsia.</i>
manhã	alvorada	D E M /	Rus	acordar-3S-REF
		FOC³		

Manhã, alvorada. É a
Rus⁴ acordando.

O trecho em negrito consiste em uma instanciação da construção éto-tética em russo, qual seja, *Éto Rus prosypaiétsia* (É a Rus acordando). No exemplo, temos a passagem inicial de um documentário do canal de televisão aberto *Rossia*, parte de uma descrição, em que está sendo mostrada em tela uma vasta planície russa num início de manhã. Basicamente, o esquema da éto-tética pode ser caracterizado como em (2):

(2) [Éto + sentença]

Para analisar a construção éto-tética em russo, adoto os pressupostos teóricos da Gramática de Construções Baseada no Uso, doravante denominada GCBU (cf. CROFT, 2001; GOLDBERG, 2006; BYBEE, 2010; DIESSEL, 2015), propondo uma análise em rede para tal construção e buscando identificar as motivações para a sua existência na língua russa. Nesse sentido, argumento que esse tipo de construção apresenta propriedades relacionais (cf. HALLIDAY, 2014)⁵, herdadas de construções relacionais do tipo [Éto X].

Com vistas a facilitar a leitura e compreensão da análise apresentada neste artigo, os dados do russo serão apresentados em três linhas distintas: a primeira em itálico, com o dado em russo transliterado em caracteres latinos, a segunda em que é apresentada uma glosa, adaptada da padronização sugerida pelo Departamento de Linguística do Instituto Max Plank em Leipzig, denominada *The Leipzig*

³ Sempre que o elemento éto introduzir uma sentença, a glosa apresentada será DEM/FOC, dada a divergência na caracterização desse item gramatical entre os especialistas. A propósito, conferir Autor (2017).

⁴ Forma antiga para designar partes da Europa Oriental povoada por povos eslavos orientais, bem como para designar os antigos Estados russos que existiram nesses territórios. Na atualidade é utilizada de forma poética para designar o território ocupado pela Rússia, Bielorrússia e Ucrânia.

⁵ Embora a análise proposta por Halliday não seja construcionista e, sim, sistêmico-funcional, defendo em Autor (2017) que a análise da transitividade tal como sugerida por Halliday pode ser útil para os estudos em Gramática de Construções, principalmente no caso de construções relacionais, que apresentam uma cópula.

*Glossing Rules*⁶ (Regras Glossemáticas de Leipzig), e a terceira contendo uma tradução livre.

O artigo se organiza da seguinte forma: a primeira parte consiste nesta introdução; em seguida, na segunda parte, forneço um breve panorama da já mencionada GCBU e sua perspectiva acerca da estrutura da informação, em especial sobre a categoria de foco, para, posteriormente, na terceira parte, apresentar alguns aspectos metodológicos sobre a análise empreendida. Finalmente, na quarta seção, procedo à análise da construção éto-tética em russo. Na seção 5, algumas considerações finais são apresentadas.

2. GCBU E ESTRUTURAS DE FOCO SENTENCIAL

A GCBU corresponde a um grupo de abordagens de orientação cognitivo-funcional, que tem como principais pressupostos teóricos os que seguem enumerados abaixo:

- (i) o conhecimento linguístico do falante consiste num inventário estruturado de unidades simbólicas convencionalizadas, que pareiam forma (fonológica e/ou morfossintática) e significado (semântica e/ou pragmática), as assim chamadas construções (cf. FILMORE, KAY E O'CONNOR 1988; GOLDBERG 1995, 2006; BYBEE 2010; TRAUGOTT E TROUSDALE 2013; HILPERT 2014; DIESSEL 2015).
- (ii) tal conhecimento é abstraído mediante a aplicação de habilidades cognitivas gerais à experiência com as instâncias de uso real da língua. Tais habilidades podem incluir processos como categorização, rotinização cognitiva, armazenagem mnemônica rica, analogia, comparação, abstração, simbolização, entre outros, (LANGACKER, 2000; BYBEE, 2010).

Com isso, é possível afirmar que o falante, em contato com instâncias de uso recorrentes na língua, vai aplicando habilidades cognitivas (ou processos) de domínio geral, formando uma representação cognitiva, na forma de um inventário estruturado de construções organizadas em rede. O modo de organização dessa rede envolve ao menos dois tipos de relações: as relações verticais, por meio de elos taxonômicos entre as construções, com níveis variados de abstração e graus distintos de esquematicidade, composicionalidade e produtividade; e as relações horizontais, por meio de elos associativos entre construções que se encontram no mesmo nível de abstração e compartilham algum tipo de propriedade, seja esta formal ou semântico-pragmática (DIESSEL 2015).

Outro aspecto relevante para uma abordagem construcionista baseada no uso diz respeito à busca por motivações para a existência de construções na língua. Uma forma interessante de motivar construções pode ser encontrada em Lakoff (1987), que afirma que, quando construções novas surgem na língua, não surgem

⁶ Disponível em <http://www.eva.mpg.de/lingua/resources/glossing-rules.php> (último acesso 04/12/2018).

de forma aleatória. Ao contrário, são motivadas por estruturas que já existem, da mesma forma que novos sentidos de palavras são motivados por sentidos pré-existentes. No entanto, a motivação não diz respeito somente ao sentido, mas também à forma, e pode ser caracterizada em termos de relações de herança (cf. GOLDBERG 1995, CROFT 2001).

O conceito de herança se faz importante para o presente trabalho, porque proponho que a construção éto-tética, em russo, seja motivada por uma construção relacional de caráter apresentativo, do tipo [*Éto X*], na qual o marcador *éto* assume valor dêitico, apresentando uma entidade do mundo real e que, na construção de foco sentencial, atua como um marcador de sentenças que se encontram integralmente no escopo da asserção (cf. LAMBRECHT 1994, 2000). Para que esta afirmação faça mais sentido, apresento, nas próximas linhas, um breve panorama da perspectiva construcionista sobre a estrutura informacional e, mais especificamente, sobre a categoria pragmática de foco.

Do ponto de vista da gramática de construções, a estrutura da informação pode ser compreendida de acordo com três dimensões distintas, a saber, a dimensão da organização das proposições em porções que o falante assume que o seu interlocutor já conhece e as que ainda não conhece; a dimensão da representação mental dos referentes do discurso no momento da enunciação; e a avaliação que o falante faz sobre a previsibilidade ou não das relações entre as proposições e seus elementos em determinadas situações discursivas. Para as finalidades deste trabalho, tecerei comentários apenas sobre a primeira e a terceira dimensões da estrutura informacional e em seguida, discorrerei exclusivamente sobre a categoria pragmática de foco⁷.

A primeira dimensão se refere ao que Lambrecht denomina informação, pois o estudioso considera que fornecer algum tipo de informação ao interlocutor significa informá-lo sobre algum estado de coisas, ou seja, sobre algo que necessariamente envolve não somente participantes, mas também um tipo de evento do qual participar. É nesse sentido que Lambrecht diferencia informação de significado. Este último é expresso por palavras ou via relações entre palavras, ao passo que a primeira só pode ser veiculada de forma relacional, por meio de proposições. A informação veiculada por uma proposição geralmente consiste em uma combinação de elementos velhos e novos. A informação velha evocada por uma sentença é o que Lambrecht chama de pressuposição pragmática, definida como “proposições evocadas de forma léxico-gramatical em uma sentença, que o falante assume que o ouvinte já conhece ou está disposto a tomar como dadas no momento em que a sentença é enunciada” (LAMBRECHT, 1994, p.52). Já a informação nova expressa pela sentença é denominada pelo pesquisador como asserção pragmática, definida como “a proposição expressa por uma sentença, que se espera que o ouvinte conheça ou tome como dada, em decorrência de ter ouvido a sentença enunciada” (LAMBRECHT, 1994, p.52). Essas duas definições serão

⁷ A segunda dimensão, que se refere à representação mental dos referentes no discurso refere-se ao status informacional de tais referentes e pode ser conferida em Lambrecht (1994) e Leite de Oliveira (2017).

de grande importância para compreendermos a concepção de foco adotada neste trabalho.

A terceira dimensão, qual seja, a da previsibilidade ou não das relações entre as proposições e seus elementos, diz respeito às categorias tópico e foco propriamente. A categoria tópico, que não será o objeto deste trabalho, tem como definição a noção de tema (*aboutness*) (cf. LAMBRECHT, 1994) e consiste no elemento principal da pressuposição pragmática (LEHMANN, 2008). No que se refere à categoria foco, cabem aqui comentários mais específicos.

Lambrecht (1994, p. 213) define foco como o “componente semântico de uma proposição pragmaticamente estruturada, em que a asserção difere da pressuposição”. Essa definição não determina somente que o foco seja igualado à informação nova ou não pressuposta por parte do ouvinte, como geralmente assumido na literatura relevante sobre o assunto, mas também e principalmente que, como parte integrante da informação nova contida na asserção, foco seja o elemento capaz de diferenciar pressuposição e asserção. Tomemos (4) abaixo, a tradução de um exemplo fornecido por Lambrecht (1994, p.209):

(4) P: Onde você foi na noite passada?

R: Eu fui ao *cinema*.

Ao adotar a perspectiva “lambrechtiana” sobre a estrutura da informação, é possível considerar que a pressuposição pragmática em termos de informação velha evocada na sentença “Eu fui ao *cinema*” é “O falante foi a x”, ou seja, o interlocutor pressupõe que o falante tenha ido a algum lugar na noite anterior. Seria impreciso dizer que a informação nova veiculada pela sentença seria *cinema* ou *ao cinema*, pois, como já vimos acima, a informação só assume lugar quando incorporada a proposições. Assim, pode-se dizer que a informação nova veiculada pela sentença é a proposição abstrata “o lugar x onde eu fui na noite passada é ao cinema”, que corresponderia à asserção evocada pela sentença. É como o principal elemento da asserção, que permite que esta seja distinta da pressuposição “O falante foi a x”, que cinema pode ser compreendido como em foco. Portanto, pode-se assumir a proposta de Lehmann (2008) de que foco seria a parte central da asserção (p.209).

Apresentada a perspectiva sobre a categoria de foco adotada no presente trabalho, cabe aqui uma pequena apresentação sobre os tipos de estrutura focal geralmente encontrados nas línguas do mundo. De acordo com Lambrecht (1994), Lambrecht e Polinsky (1997) e Van Valin e LaPolla (1997), as línguas do mundo tendem a exibir ao menos três tipos de estrutura de foco, a saber, a estrutura de foco no predicado, considerado o tipo de estrutura não marcada, em que geralmente o sujeito de uma sentença funciona como o tópico e o predicado como o comentário; a estrutura de foco argumental, em que apenas um dos argumentos da sentença está em foco, e, por fim, a estrutura de foco sentencial, em que a sentença como um todo encontra-se em foco. Para ilustrar esses três tipos de configuração focal, Lambrecht (2000, p. 615) fornece o seguinte quadro:

	Argumento em foco	Predicado em foco
Estrutura de foco no predicado	-	+
Estrutura de foco argumental	+	-
Estrutura de foco sentencial	+	+

Quadro 1. Tipos de estruturas de foco

Neste trabalho a construção éto-tética apresenta uma sentença cujos componentes se encontram integralmente em foco, enquadrando-se, portanto, no último tipo de estrutura focal, a saber, a estrutura de foco sentencial, também conhecida na literatura como sentença tética, tal como mencionado na introdução deste artigo.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho utiliza, em parte, o mesmo procedimento metodológico apresentado em Leite de Oliveira (2017), recorrendo à análise de dados reais de uso da língua, extraídos do Corpus Nacional da Língua Russa (CNLR), disponível em <http://www.russcorpora.ru>. Nesse sentido, foi organizada uma pequena amostra, extraída do CNLR, que contou com 2.002.341 palavras, no que diz respeito à modalidade escrita da língua russa, e 1.987.478 palavras, no que se refere à modalidade falada. Ao todo, foram encontradas 59 ocorrências da construção éto-tética na fala, e 7 ocorrências na escrita. No que se refere à coleta, foram descartados todos os contextos em que a construção sob análise ocorreu de forma incompleta ou que apresentavam grande quantidade de material interveniente (intercalação). Além disso, foram consideradas apenas as ocorrências que exibiam um contexto de, pelo menos, três orações antes e após a construção, a fim de analisar fatos contextuais que pudessem influenciar seu uso.

Após a coleta dos dados, teve início uma análise multifatorial, que considerou aspectos formais, tais como extensão da oração, estrutura argumental e aspectos semântico-pragmáticos, tais como se a distinção entre enunciados téticos centrados na entidade ou no evento, tal como proposta por Sasse (1987), poderia ser observada em russo e se as funções discursivas sugeridas por Sasse (1996) e defendidas por Lambrecht (2000) poderiam ser compreendidas nos mesmos termos na língua em análise.

Para motivar a construção éto-tética do russo, em termos de relações de herança, recorreremos mais uma vez à amostra extraída do CNLR, observando alguns exemplos de construções relacionais do tipo [Éto X], que se caracterizam como construções apresentativas da língua russa. Em seguida, analisamos comparativamente essas duas construções, no sentido de identificar propriedades formais e funcionais em comum.

4. A CONSTRUÇÃO ÉTO-TÉTICA EM RUSSO

4.1. Forma e função das construções éto-téticas

Um dos aspectos observados em construções de foco sentencial incluímos o fato de esse tipo de construção geralmente apresentar estrutura monoargumental, tendência que é reportada na literatura ocidental sobre o tema (SASSE 1987, 1996; LAMBRECHT 2000; LAMBRECHT E POLINSKY 1998). Correlacionado ao padrão de estrutura monoargumental está o tamanho exibido por essas construções. Geralmente as construções éto-téticas tendem a exibir entre 4 e 9 sílabas, tamanho considerado pequeno. Essa tendência pode ser ilustrada por meio dos exemplos abaixo, cuja estrutura observada é monoargumental:

(5) [CNLR – 2011 – documentário de TV]

<i>Frantsúz-y</i>	<i>káj-et-sia</i>	<i>soch-l-i</i>	<i>s</i>	<i>um-á</i>	<i>no</i>	<i>éto</i>
fracês-PL	parecer-3S-	descrever.	com	mente-	mas	DEM
	-REF	PRF-PAS-		-GEN		
		-PL				

<i>v</i>	<i>real'nost' nié</i>	<i>tak.</i>	<i>Éto</i>
em	realidade NEG	assim	DEM/ FOC

6 sílabas	
<i>podnia-l-á-s'</i>	<i>natsiia.</i>
levantar.PRF-PAS-	nação
-F-REF	

Parece que os franceses enlouqueceram, mas na realidade não é isso. É que se ergueu uma nação.

(6) [CNLR – 2005 – conversa informal extraída de um filme]

<i>[sobáka lá-iet]</i>	<i>– Éto</i>
cachorro latir.IMPF-	DEM /
-3S	FOC

5 sílabas	
<i>Sígurd</i>	<i>vernú-l-sia.</i>
Sigurd	voltar.PRF-PAS-REF

[latido de cachorro] - Sigurd voltou.

O tamanho de estruturas de foco sentencial já havia sido observado por Yanko (2001, p. 187), quando analisava a prosódia de orações simples sem o marcador éto. Segundo a pesquisadora, as construções de foco sentencial geralmente são curtas, pronunciadas de uma só vez, sem a possibilidade de fazer pausas⁸. Nesse sentido, orações de estrutura monoargumental, com palavras de tamanho reduzido, são mais apropriadas para esse tipo de estratégia, inclusive no que diz respeito às construções éto-téticas. Nesse tipo de construção não são verificadas

⁸ Podem ser encontrados exemplos em que as sentenças são maiores nas construções éto-téticas, porém em menor quantidade, como demonstra a análise quantitativa desenvolvida em Autor (2017).

rupturas melódicas, de maneira que a construção é enunciada de uma só vez. Consequentemente, esse tipo de construção tende a apresentar somente um acento tonal distintivo (cf. LEITE DE OLIVEIRA 2017).

Do ponto de vista semântico-pragmático, construções de foco sentencial são consideradas simples asserções não predicativas de estados de coisas (SASSE 1987, p. 511). Geralmente se argumenta que o principal aspecto caracterizador de uma construção de foco sentencial é o fato de ela apresentar, sob o domínio de foco, tanto o sujeito como o predicado da sentença, tornando-se antinatural dividi-la em tópico e comentário. É nesse sentido que a estrutura de foco sentencial não evoca formalmente nenhuma pressuposição.

Além disso, cabe observar as funções discursivas que uma estrutura de foco sentencial com o marcador *éto* pode apresentar. De acordo com Sasse (1996, p. 30), é possível distinguir cinco funções básicas das construções por ele denominadas *téticas*, elencadas a seguir: anunciativa, introdutória, interruptiva, descritiva e explicativa. As construções *éto téticas* geralmente apresentam a função que Sasse considera explicativa. De acordo com o estudioso, a função explicativa requer um evento pressuposto, ou seja, algo que já tenha sido mencionado em contexto imediatamente anterior ou presente na situação extralinguística, mas que requeira ainda algum tipo de apresentação. O contexto discursivo, propício para a ocorrência de uma construção de foco sentencial com função explicativa geralmente se divide em duas partes: uma na qual se estabelece uma pressuposição contextual, e outra, que contém a construção *éto-tética*, na qual é fornecida uma explicação ou uma elaboração (SASSE 1996, p. 36). O estudioso identifica ao menos três possibilidades de correlação entre essas duas partes. Tais possibilidades se demonstraram bastante relevantes diante da análise dos dados da construção *éto-tética* do russo e, portanto, são elencadas e exemplificadas a seguir:

Possibilidade 1. A sentença que precede a construção de foco sentencial indica um estado de coisas que requer uma explicação ou elaboração em termos de um evento ainda desconhecido:

(10) [CNLR – 1996 – Trecho de conto]

<i>i</i>	<i>vdrug</i>	<i>v</i>	<i>nótech-i</i>	<i>zastutchá-l-a</i>	<i>po</i>	<i>ókn-am</i>	
e	de re- pente	em	noite-PRE	começar a bater-PAS-F	por	janela-DAT. PL	
<i>ledia- náia</i>	<i>krupá.</i>	<i>Nié</i>	<i>ta</i>	<i>sniéjnaia</i>	<i>biélaia</i>	<i>slóvno</i>	<i>pchenó.</i>
de gelo	grão	NEG	DEM.F	de neve	branco	como	painço.

<i>A</i>	<i>ledia- náia</i>	<i>sklián'</i>	Éto	<i>chió-l</i>	<i>dojd'</i>	<i>i</i>	<i>zamerzá-l</i>
Mas	de gelo	sujeira	DEM/FOC	ir-PAS	chuva	e	congelar- -PAS

na *liet-ú.*
em voo-PRE

E de repente, à noite, grãos de gelo começaram a bater nas janelas. Não aqueles brancos, de neve, como painço. Mas uma sujeira de gelo. (é que) Caiu uma chuva e congelou no ar.

No exemplo acima, o contexto imediatamente anterior à construção evoca uma pressuposição ou apresenta um fato que requer explicação em termos de um evento não pressuposto ou, nas palavras de Sasse (1996), ainda não conhecido. Esse evento é apresentado como uma proposição que carece de um evento formalmente pressuposto na própria construção, pois a pressuposição se constrói não com base na construção de foco sentencial em si, mas a partir do contexto precedente. Em (10), os grãos de gelo sujo, que batem nas janelas, decorrem da chuva que congelou no ar.

Possibilidade 2. A pressuposição é estabelecida por uma questão do tipo “O que aconteceu?”.

Os estudiosos que têm analisado construções de foco sentencial (LAMBRECHT 1994, 2000; SASSE 1996; LAMBRECHT E POLINSKY 1998; YANKO 2001) geralmente sugerem um teste para identificar esse tipo de estrutura, qual seja, a realização de perguntas como “O que aconteceu?” “Que barulho foi esse?” “Quais as novidades?”. Nesse caso, o exemplo abaixo, extraído do CNLR, é bastante ilustrativo.

(11) [CNLR – 2002 – Conversa informal]

–*Tchto* *za* *chum?*
–O que atrás barulho

–*Éto* *Sveta* *upa-l-a*
DEM/FOC **Sveta** **cair-PST-F**

– Que barulho foi esse?
– Sveta caiu.

Nesse tipo de contexto, o significado apresentativo das construções de foco sentencial com éto se torna evidente. A pergunta é feita de forma a requerer a apresentação de um evento ou entidade.

Possibilidade 3. O elemento que aciona a pressuposição encontra-se no contexto extralinguístico, tal como ilustra o exemplo (12):

(12) [CNLR – 1978 – Trecho de filme]

– A	<i>vsió-takí</i>	<i>iést</i>	<i>sóbstvenn-yie</i>	<i>bed-ý.</i>	<i>[chum</i>	<i>motóra]</i>
E	mesmo assim	haver	próprio-PL	desgraça-PL	[barulho	motor-GEN]

Éto	<i>Mítia</i>	<i>prii- ékha-l.</i>	<i>Poid-í</i>	<i>pomach-í</i>	<i>iemú.</i>	<i>On</i>	<i>liúbit.</i>
-----	--------------	--------------------------	---------------	-----------------	--------------	-----------	----------------

DEM/	Mítia	che-	Ir-	acenar-	3S.DAT	3S	gostar-3S
FOC		gar-	-IMP	-IMP			
		-PAS					

E ainda há as minhas próprias desgraças. [barulho de motor] Mítia⁹ chegou. Vá, acene para ele. Ele gosta.

No exemplo (12), o que aciona a pressuposição contextual que propicia a enunciação de uma construção eto-tética é o contexto extralinguístico. Aqui a personagem ouve o barulho de motor e, como que explicando ou apresentando para o interlocutor a origem daquele som (ou o que o som representa), informa que se trata da chegada de Mítia.

Considerando a função discursiva explicativa, proposta por Sasse (1996), e aqui defendida como a função característica da construção eto-tética, é possível afirmar que o elemento éto apresenta um estado de coisas que só pode ser integralmente interpretado como uma asserção à luz de uma associação com elementos pressupostos contidos no co-texto prévio ou no contexto de fala. Em decorrência disso, pode-se questionar se a construção eto-tética poderia ser segmentada em uma parte pressuposta, que contém o elemento éto, e uma parte não pressuposta representada pela sentença que segue o marcador, associando-se mais a uma estrutura tópico-comentário – em que o comentário contém uma sentença inteira – do que uma estrutura do tipo foco sentencial. Contudo, tal como descrito em Paducheva (1982), para que o elemento éto tenha propriedades tópicas, ele deve apresentar autonomia sintática, com acento tonal próprio, o que parece não ser o caso na construção eto-tética. Éto, nesse tipo de construção, nas palavras de Paducheva (1982), não parece atuar propriamente como um pronome anafórico tópico, mas como uma partícula discursiva, sem acento próprio, de forma que sua principal função, para além de ancorar uma pressuposição contida em contexto anterior, parece ser sinalizar que a sentença que o segue deve ser interpretada como consistindo integralmente numa asserção.

⁹ Forma abreviada do nome Dmitri.

4.2. Motivando a construção éto-tética

As estruturas de foco sentencial estão associadas à função comunicativa apresentativa, na medida em que apresentam participantes no discurso ou reportam eventos ainda não conhecidos pelo interlocutor. Interpretando essa função juntamente com a função discursiva explicativa, postulada por Sasse (1996), temos uma motivação funcional interessante, capaz de explicar a necessidade de as línguas do mundo codificarem algumas de suas estruturas na forma de uma construção de foco sentencial, em contraste com estruturas de foco de predicado.

De acordo com a definição de foco sentencial apresentada na seção 2 deste artigo e presente em Lambrecht (2000), a construção de foco sentencial se difere da construção de foco de predicado pelo que Lambrecht caracteriza como a ausência de um sujeito tópico e, portanto, de uma relação tópico-comentário entre o referente sujeito e a proposição. De acordo com o estudioso, para que uma oração seja interpretada como tendo uma estrutura de foco sentencial ela precisa ser marcada de tal maneira, que o constituinte relevante não seja construído como uma expressão tópica. Dessa forma, Lambrecht e Polinsky (1997) e Lambrecht (2000) sugerem o princípio de destopicalização do sujeito, de acordo com o qual, o sujeito não pode ser gramaticalmente codificado com propriedades gramaticais associadas ao tópico de uma construção de foco de predicado. Esse princípio é implementado nas línguas do mundo por meio da marcação do sujeito com traços gramaticais geralmente associados aos objetos focais em uma sentença de predicado (o que Lambrecht nomeia como o princípio da neutralização entre sujeito e objeto). Nesse sentido, Lambrecht (2000, p. 625) elenca os traços gramaticais mais comuns encontrados em objetos focais nas línguas do mundo e que parecem ocorrer com os sujeitos em sentenças téticas. Esses traços são listados abaixo:

- (a) proeminência prosódica;
- (b) posição linear em relação ao verbo;
- (c) co-ocorrência com partículas de foco;
- (d) ausência de concordância gramatical com o verbo;
- (e) marcação de caso não nominativo;
- (f) status de único constituinte na sequência verbo-objeto;
- (g) restrições sobre anáfora zero.

No caso das construções éto-téticas em russo, chamo a atenção para algo que se assemelha ao item (c) da lista. Do ponto de vista morfossintático, observa-se a presença do marcador éto, que destopicalizaria o sujeito na construção, para que este possa ser interpretado como parte do escopo da asserção. Nesse caso, é possível interpretar a função de éto como um ancorador das pressuposições criadas no contexto anterior¹⁰ (linguístico ou não linguístico), à luz das quais a construção

¹⁰ Cabe reafirmar que esse tipo de pressuposição não é evocado pela sentença que contém o elemento éto, mas por sentenças enunciadas anteriormente, à luz da qual a sentença em questão é interpretada como estando integralmente no escopo da asserção, sem evocar ela mesma algum tipo de pressuposição.

deve ser interpretada, e como um dispositivo de apresentação da proposição a ser expressa na forma de uma estrutura de foco sentencial. Em outras palavras, seguindo Grenoble (1998, p. 204), éto fornece um *link* entre algum tópico ou pressuposição presente no contexto anterior e a oração presente na construção de foco sentencial, cuja proposição evocada encontra-se no escopo da asserção. Dessa forma, é importante considerar ao menos duas funções inerentes ao marcador, corroborando a natureza híbrida desse elemento nas construções estudadas: (i) função dêitica ou anafórica (a depender do contexto de ocorrência da construção), na medida em parece apontar para entidades ou eventos presentes no contexto situacional ou no discurso precedente; (ii) função focalizadora, na medida em que apresenta um novo personagem ou evento no discurso, por meio de uma sentença inteira.

A esse propósito, a semelhança entre as construções de foco sentencial introduzidas por éto em relação às construções relacionais do tipo [Éto X] em russo não parece ser mera coincidência. Aqui, defendo que as primeiras são motivadas por estas últimas, ou melhor, consistem em um nó mais específico na rede das construções relacionais apresentativas do tipo [Éto X]. Nesse sentido, a construção éto-tética apresenta uma função claramente relacional no sentido de Halliday (2014)¹¹, na medida em que sinaliza ou aponta um evento/entidade, com vistas a caracterizar uma pressuposição contextual¹².

(13) [CNLR – 2002 – conto]

<i>Dátcha - dereviánnaiia,</i>	<i>no</i>	<i>k r i - V</i>	<i>domié</i>	<i>imiélsia</i>
datcha ¹²	de madeira	mas	forte	em casa - possuir -PRE -PAS-REF
<i>svói domovói, on churchá-l</i>	<i>po</i>	<i>notchám. Inogdá</i>		
POS.REF d o m o - voi ¹³	3S farfalhar-PAS	por	n o i t e - Às vezes	-DAT
<i>razdavá-l- zvuk,</i>	<i>kak výstriel. mój-et</i>	<i>byt' éto</i>		
-sia				

¹¹ A Gramática Sistemico-Funcional de Halliday postula o sistema de Transitividade, que serve à função ideacional, a qual dá conta da oração como um meio de representação de padrões de experiência. Segundo Halliday (2014), uma propriedade fundamental da linguagem é o fato de ela habilitar os seres humanos a construírem uma figura mental da realidade e darem sentido à experiência como o que acontece em seu redor e dentro de si. Dessa forma, Halliday se debruça sobre a oração como a unidade gramatical mais significativa, pois é ela que funciona como a representação de processos da experiência do mundo. Um desses processos é o relacional, que nos permite relacionar um fragmento de experiência com outro (cf. HALLIDAY, 2014, p. 214).

¹² Nesse sentido, o uso do marcador éto se assemelha aos usos de um demonstrativo identificacional. (Diessel 1999)

¹³ Tipo de casa de veraneio.

¹⁴ Segundo o folclore eslavo, espécie de espírito que habita cuida das casas das aldeias russas.

ressoar - som como tiro poder-3S ser **DEM / FOC**
 -PAS-REF

prikhodí-l diéd. Anna prosypálas' i zamirá-l-a

chegar - avô Anna acordar-PAS-F-REF e ficar imó-
 -PAS vel-PAS-F

kak trup v mórge. Po odieiál-u probiegál
 como c a - em necrotério-PRE por cobertor-DAT **correr-**
 dá -
 ver -PAS

liubopýtnyi mychónok, dúma-l tchto nikogo niet.
 curioso ratinho pensar.IMPF- que ninguém- NEG
 -PAS -GEN

A *datcha* era de madeira, mas firme. A casa tinha o seu *domovói*, que farfalhava à noite. Às vezes ouvia-se um som semelhante a um tiro. Talvez fosse vovô chegando. Anna acordava e ficava imóvel como um cadáver em um necrotério. Corria pelo cobertor um ratinho curioso, pensando que não havia ninguém.

Em (13), a construção de foco sentencial *éto prikhodil died*¹⁵ (traduzida livremente como “fosse vovô chegando”) apresenta a possibilidade de chegada do avô de Anna, identificada com o som semelhante a um tiro que se ouvia na *datcha*. No caso, é como se o som fosse um indício da chegada do avô. É nesse sentido que a construção de foco sentencial pode ser compreendida em termos relacionais.

A construção [Éto X] consiste em um padrão construcional básico, utilizado para a apresentação de entidades em geral. Essa apresentação pode ocorrer tanto em referência a elementos presentes na situação extralinguística, como também mencionados no contexto linguístico prévio, como é possível verificar a partir dos exemplos (14) e (15) abaixo.

(14) [CNLR 2004 – conversa invormal

–Nu	ia	<i>khotch-u</i>	<i>poznakomit'</i>	vas	s	<i>mo-ieí</i>	<i>siem-ioi</i>
bem	1S	querer-1S	apresentar	2P.AC	com	1POS-INS	f a m í l i a . INS
Éto	moi		brat,	a	éto	moi	died.
DEM	IPOS		irmão	e	DEM	IPOS	avô.

- Bem, eu quero te apresentar à minha família. Esse é meu irmão, e esse é o meu avô.

¹⁵ Note-se que aqui *died* ocorre em posição pós-verbal. A probabilidade de *died* ser interpretado como definido é grande, porém o sujeito ainda assim é apresentado em posição pós-verbal, indicando a centralidade do evento, nos termos de Sasse (1987).

(15) [CNLR – 2003 – entrevista]

A *vklád-y* *sostavliá-iut* *vsegó* 29 *milliárd-ov* *dóllar-ov*.
E depósito-PL comport-3PL todo-GEN 29 bilhão-GEN dólar-GEN

Éto *ogrómnnyi* *rýnok* *nieosvóiennykh* *Diéniég*
DEM enorme mercado não aproveitado-GEN dinheiro.GEN

E os depósitos totalizam 29 bilhões de dólares. É um mercado enorme de dinheiro não aproveitado.

À luz do sistema de transitividade de Halliday (2014), construções do tipo [Éto x] envolvem um processo relacional de modo intensivo, do tipo identificacional. Nesse tipo de construção, x serve para apresentar a identidade de éto. Nesse caso, x funcionaria como participante Identificador, ao passo que éto funciona como participante Identificado, tal como ilustra a figura 1.

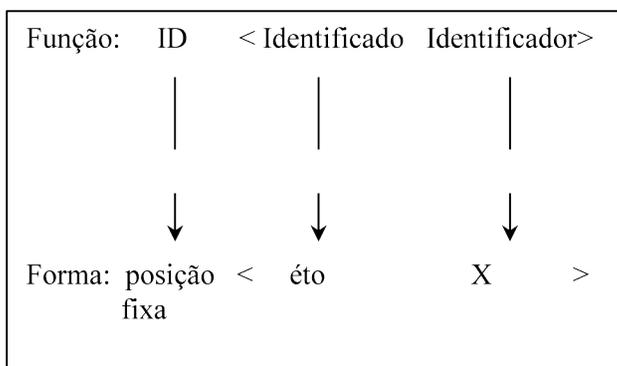


Figura 1. Esquema da construção de identificação [éto=X]

Construções apresentativas do tipo [Éto x] requerem que a palavra éto se refira a algum tipo de referente anterior, presente na situação extralinguística – como no exemplo (14) em que membros da família estão sendo apresentados – ou presente no discurso anterior – como no artigo de opinião do exemplo (15). Nesse caso, éto retoma uma entidade que carece de identificação. O status de éto nesse tipo de construção é semelhante ao status de um demonstrativo identificacional, tal como discutido por Diessel (1999), em sua tipologia de demonstrativos. Para Diessel, a função dos demonstrativos identificacionais é justamente identificar referentes em uma situação de fala.

Nesse contexto, a palavra éto é invariável e ocorre em uma posição fixa – sempre na primeira posição na construção – seguida imediatamente pelo elemento X. Em termos de produtividade (aqui compreendida como extensibilidade¹⁶),

¹⁶ De acordo com Barddal (2008) a literatura linguística exibe várias definições para o termo produtividade. Neste trabalho, uma construção é considerada produtiva, se ela permite a candidatos diversificados ocuparem seus slots esquemáticos. Tome-se, por exemplo, a construção de estrutura argumental [SVO]. Nas posições esquemáticas S e O, é possível ocorrer quantidade variada de itens

a construção relacional [Éto X] permite que os candidatos a ocupar o *slot* do elemento X sejam relativamente diversificados, abrangendo desde SNs simples de núcleo nominal, como em (16), SNs simples com núcleo pronominal, como em (17), passando por SNs complexos, como em (18):

(16) [CNLR – 1967 – conto]

<i>On</i>	<i>iz</i>	<i>Moskóvsk-oi</i>	<i>konservatóri-i</i>	<i>–otviéti-</i>	<i>ia</i>	<i>–Éto</i>
				<i>-l-a</i>		
3S	de	de Moscou-GEN	conservatório-GEN	responder-	1S	DEM
				<i>-PAS-F</i>		

<i>mói</i>	<i>brat.</i>	<i>On</i>	<i>búd-iet</i>	<i>vystupát’</i>	<i>u</i>	<i>vas</i>
IPOS	irmão	3S	AUX-3S	apresen-	em	2PL.GEN
				<i>tar-se</i>		

na kontsertie.
em concerto-PRE

Ele é do Conservatório de Moscou. – respondi. – Esse é o meu irmão. Ele vai se apresentar no seu concerto.

(17) [CNLR – 1978 – trecho de filme]

<i>Zdrávtvu-ite</i>	<i>Lína!</i>	<i>Éto</i>	<i>ia,</i>	<i>Geórgii.</i>
saudar-IMP	Lina	DEM	1S	Georgii

Olá Lina! Sou eu, Georgii.

lexicais, que incluem substantivos dos mais variados tipos (animados, inanimados, concretos, abstratos, contáveis, incontáveis), bem como pronomes. No slot V são permitidos verbos dos mais variados tipos, desde que transitivos. Nesse sentido, pode-se dizer que a construção [SVO] em português é produtiva, pois o grau de extensibilidade a itens lexicais diversos é elevado. No caso de uma construção como [S CHUTAR O BALDE], apenas o *slot* S permite uma variedade de itens lexicais, contudo, essa variedade é restrita a itens lexicais (pronomes ou substantivos) que tenham o traço mais humano. Nesse sentido, é possível dizer, assumindo a noção de extensibilidade, que a construção [S CHUTAR O BALDE] é menos produtiva do que a construção [SVO]. No caso da construção [Éto x], o *slot* x se estende tanto a pronomes, como a substantivos, advérbios e a até sentenças inteiras, como nas construções investigadas neste artigo. Logo, é possível dizer que o padrão construcional [Éto x] é consideravelmente produtivo.

(18) [CNLR – 2009 – artigo em revista]

<i>Jurnál</i>	<i>neodnokrátno</i>	<i>publiková-l</i>	<i>golovolómki,</i>	<i>v</i>	<i>kotór-</i>	<i>nádo</i>
revista	mais de uma vez	publicar-PAS	quebra-cabeça-PL	em	q u e -	preciso - P R E . PL
<i>bý-l-o</i>	<i>vnútri</i>	<i>plós-koi</i>	<i>priamougól'n-oi</i>	<i>koróbo-</i>	<i>piერიეშიát'</i>	
ser-PAS-N	dentro	plano-GEN	retangular-GEN	c a i x a -	mover	-GEN
<i>raznoobrázn-yie</i>	<i>plósk-ie</i>	<i>figúr-y</i>	<i>(sm.,naprimiér</i>	<i>“Naúka</i>	<i>i</i>	<i>jízn”</i>
diverso-PL	plano-PL	figura-PL	vide por exemplo	ciência	e	vida
<i>Nº7,1964 g;</i>	<i>Nº8, 1970 g).</i>	<i>Éto</i>	<i>blíz-</i>	<i>ródstven-</i>	<i>znamenít-oi</i>	<i>“igrý</i>
<i>Nº7 1964</i>	<i>Nº8 1970</i>	<i>DEM</i>	<i>-iie</i>	<i>niki</i>	<i>f a m o s o -</i>	<i>jogo.</i>
			próxi-	parente-PL	-GEN	GEN
<i>v</i>	<i>15”</i>	<i>S a -</i>	<i>Lóid-a</i>			
		<i>muél-ia</i>				
<i>em</i>	<i>15</i>	<i>S a -</i>	<i>Loyd-GEN</i>			
		<i>m u e l-</i>				
		<i>-GEN</i>				

A revista mais de uma vez publicou quebra-cabeças nos quais era preciso, dentro de uma caixa retangular plana, mover diversas figuras planas (*vide*, por exemplo, “Ciência e Vida” Nº 7, 1964; Nº 1970). Esses são parentes próximos do famoso “jogo do 15” de Samuel Loyd.

Considerando-se a análise acima sugerida, pode-se dizer que a construção de foco sentencial com o marcador *éto* é motivada pela construção relacional [Éto X], na medida em que herda propriedades desse tipo de construção. Essa herança pode ser representada tal como sugerido na figura 2, abaixo. A construção de foco sentencial pode ser postulada como um nó abaixo da construção relacional com *éto* na rede construcional, ligada a ela por meio de um elo taxonômico, porque consiste em uma construção mais específica com características próprias, como, por exemplo, o status gradiente de *éto* entre um elemento dêitico ou anafórico e um marcador de foco, na medida em que serve como um índice de que a sentença que o segue deve ser interpretada como integralmente no escopo da asserção. Nesse caso, a construção é utilizada exclusivamente com sentenças para marcar uma estrutura de foco sentencial, exibindo apenas um único acento tonal distintivo¹⁷, e apresentando eventos à luz de pressuposições co-textuais ou contextuais, com interpretação explicativa.

¹⁷ A propósito, conferir Autor (2017).

Nem todas as propriedades da construção relacional são herdadas pela construção éto-tética. Tal como postulado por Goldberg (1995, p. 70), se uma construção A é baseada em uma construção B, então A herda todas as propriedades de B que não entrem em conflito com suas próprias especificações. Em termos de forma, a construção relacional abstrata do tipo [Eto X] pode apresentar dois acentos tonais distintivos, a depender se o elemento *éto* assume caráter pronominal ou de partícula discursiva/marcador de foco. Além disso, do ponto de vista da função, ela pode apresentar uma estrutura de foco no predicado, de forma que os candidatos a preencherem o slot X são mais nominais, ou pode apresentar uma estrutura de foco sentencial, em que os candidatos a ocuparem o slot X são sentenças. Assim, a construção relacional apresenta dois nós mais específicos, um dos quais consiste na construção éto-tética, tal como indica a figura abaixo:

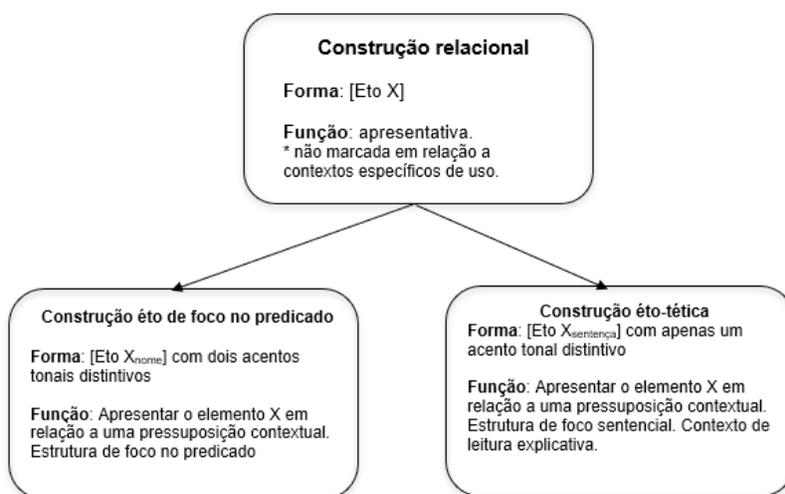


Figura 2. Padrão de herança entre a construção relacional [Éto x] e a construção éto-tética

Na figura podemos observar que a construção éto-tética consiste em um nó mais específico na rede construcional do pareamento de forma e função [Eto X], com especificidades em termos de forma (sentenças preenchem o slot X e recebem apenas um acento tonal distintivo) e função (a construção éto-tética apresenta uma sentença integralmente no escopo da asserção em contextos explicativos).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentei um tipo específico de construção da língua russa, que é introduzido pelo elemento *éto*. A construção éto-tética é utilizada em contextos nos quais uma pressuposição presente no contexto anterior carece de algum tipo de apresentação, assumindo a função discursiva explicativa. Essa interpretação

se coaduna com a proposta desenvolvida por Sasse (1996), diante da análise de sentenças téticas em diversas línguas do mundo.

Esse tipo de interpretação é interessante para um trabalho de cunho construcionista, porque, com base nos pressupostos da GCBU, compreendo a construção éto-tética como um nó específico na rede de construções relacionais com função apresentativa na língua russa, que conta com uma construção mais abstrata, a [Éto x], não marcada para contextos específicos de uso. Essa construção mais geral abrange também outra construção com estrutura de foco no predicado em que geralmente unidade mais nominais tendem a ocupar o slot X. Esse tipo de descrição se faz interessante pois permite a motivação do uso das construções com éto que marcam foco sentencial a partir de construções existentes e amplamente descritas na língua russa, explicando que o seu aspecto a primeira vista idiossincrático decorre da necessidade comunicativa dos falantes da língua em apresentar sentenças inteiras no escopo da asserção em contextos explicativos.

REFERÊNCIAS

- BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: University Press, 2010.
- CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Oxford: University Press, 2001.
- DIESSEL, H. Usage-Based Construction Grammar. In: DABROWSKA, E. and DIVJAK, D (eds), *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015, p. 296-322.
- DIESSEL, H. *Demonstratives: form, function and grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1999.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at work – The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.
- GRENOBLE, L. A. *Deixis and Information Packaging in Russian Discourse*. Pragmatics & Beyond, 50. Amsterdam: John Benjamins Press, 1998.
- HALLIDAY, M. K. A. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold. 2014.
- LAKOFF, G. *Women Fire and dangerous things. What categories reveal about mind*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- LAMBRECHT, K. When Subjects Behave Like Objects: An Analysis Of The Merging Of S And O In Sentence focus Constructions Across Languages, *Studies in Language* 24:3. 2000, p.611–682.
- LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form. A theory of topic, focus, and the mental representations of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge Studies in Linguistics, vol. 71, 1994.

- LAMBRECHT, K. E POLINSKY, M. Typological variation in sentence-focus constructions. *Papers from the Regional Meetings of the Chicago Linguistic Society* 33 (2). 1998, p.189–206.
- LANGACKER, R. A Dynamic Usage Based Model. In BARLOW, M. & KEMMER, S. *Usage-Based Models of Language*. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 1-63.
- LEHMANN, C. *Information structure and grammaticalization*. In López-Couso, María José & Seoane Posse, Elena (eds.), *Theoretical and empirical issues in grammaticalization 3*. Amsterdam & Philadelphia: J. Benjamins (Typological Studies in Language, 77) p. 207-229, 2008.
- PADUCHEVA, E. Znatchenie i sintaksitchekie funktsii slova éto. *Problemy strukturnoi lingvistiki 1980*. Moskva: Nauka, 1982.
- SASSE, H. J. *Teticity. Arbeitspaper 27*. Intitut für Sprachwissenschaft der Universität zu Köln. 1996.
- SASSE, H. J. The thetic/categorical distinction revisited. *Linguistics* 25, 1987. 511–580.
- VAN VALIN, R. LAPOLLA, R. *Syntax, Structure, Meaning, and Function*. Cambridge: Cambridge University Press. 1997.
- YANKO, T. *Kommunikativnyie strategii russkoi rietchi*. Moskva: Yask. 2001.

Recebido: 7/12/2018
Aceito: 11/02/2019
Publicado: 13/02/2019